

A revelação trinitária na missão de Jesus Cristo

The Trinitarian revelation in the mission of Jesus Christ

 <https://doi.org/1023925/ua.v25i40.48304>

Jacson Alexssandro Guerra¹

Resumo: Por meio da história de Jesus Cristo temos acesso de maneira clara à revelação da Santíssima Trindade. Trindade esta que é uma comunhão de pessoas que vivem no amor uma para com as outras. Ela convida o ser humano a viver em comunhão no amor. Assim, perpassar a história de Jesus de Nazaré é passar pela revelação do amor mútuo entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo e, ao mesmo tempo, é perpassar a história de amor de Deus pela humanidade: capaz de assumir para si a realidade toda. Ao deparar com a história de Jesus, na liberdade consciente, pode-se afirmar que ele viveu verdadeiramente a humanidade e revelou a proximidade, a intimidade com Deus, para a humanidade toda. Assim, veremos desde a encarnação até a ressurreição de Jesus Cristo a presença da Santíssima Trindade.

Palavras-chave: Pai, Filho, Espírito Santo, Trindade e Jesus.

Abstract: Through the story of Jesus Christ, we have access in a clear way to the revelation of the Holy Trinity. The Trinity is a communion of persons who live in love for one another. It invites human beings to live in communion in love. Thus, to go through the story of Jesus of Nazareth is to go through the revelation of the mutual love between the Father, the Son, and the Holy Spirit and, at the same time, it is to go through the story of God's love for humanity: capable of taking upon himself the whole of reality. In encountering the story of Jesus, in conscious freedom, one can affirm that he truly lived humanity and revealed closeness, intimacy with God, for the whole of humanity. Thus, we will see from the incarnation to the resurrection of Jesus Christ the presence of the Holy Trinity.

Keywords: Father, Son, Holy Spirit, Trinity, and Jesus.

¹ Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia. Especialista em gestão e docência do ensino superior,  0000-0002-2647-9932, jacsonguerra@gmail.com.

1 Da encarnação à vida pública

Jesus nasceu na cidade de Belém, sua mãe era Maria esposa de José (cf. Lc 2,3-7). Jesus iniciou a sua vida pública por volta dos seus trinta anos (cf. Lc 3,21-23), morreu crucificado por Pôncio Pilatos por ser um agitador político-religioso. Durante toda a sua vida, Ele procurou fazer o bem para todos “como *Deus o ungiu com o Espírito Santo* e com poder, e ele passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com ele” (At 10, 38 grifo do autor).

Deus enviou Jesus, seu Filho, ao mundo. A ideia, com diversas formulações, repete-se com frequência no Novo Testamento [...] Deus o Pai toma a iniciativa nessa missão. O amor de Deus pelos homens é a única razão desse envio do seu Filho ao mundo: ‘Eis como se manifestou o amor de Deus entre nós: Deus enviou seu Filho único ao mundo para que vivêssemos por meio dele’ (1Jo 4,9; cf. Jo 3,16) (LADARIA, 2015, p. 57).

Pela encarnação, Jesus possui duas naturezas: a humana e a divina. Sua natureza divina é o princípio da criação descrita no livro do Genesis; é o primogênito de toda a criatura; é o senhor da glória. Na sua natureza humana, de servo, é o “esposo que sai do seu tálamo” (Sl 18,6); é a “cabeça da Igreja, que é o seu corpo” (Cl 1,15.17.18). O Senhor da glória foi crucificado não pela sua natureza divina, mas pela sua natureza humana, a fraqueza da carne. Os ímpios não conseguem contemplar a forma divina do Filho devido a impureza em seus corações,

se, porém, me perguntarem como aconteceu a encarnação, afirmo que o próprio Verbo de Deus se fez carne, ou seja, se fez homem, não, porém, no sentido de que se tenha transformado e mudado no que se fez, mas de tal modo se fez, que nele se encontra não somente o Verbo de Deus e a carne do homem, mas também a alma racional humana; e assim este todo pode-se denominar Deus pela natureza divina e homem pela natureza humana (AGOSTINHO, 1994 p. 187).

Pela encarnação de Jesus, Deus pode-nos ensinar a solidariedade plena, não só

com palavras, mas na concretude da vida. Por meio da encarnação do Filho de Deus, quis participar da nossa pobreza para nos enriquecer com sua riqueza, fazendo-nos participantes da glória celeste, da natureza divina. Assim, o homem e o divino puderam experimentar as dificuldades a partir da humanidade, mostrando assim, a proximidade com os seres humanos que foram criados a imagem e semelhança de Deus (cf Gn 1,26-28).

Pela sua encarnação, tornou-se pobre e obediente. Na Sua obediência ele se entrega totalmente à vontade daquele que O enviou, abandonando-se completamente nas mãos do Pai com a plena confiança: “Pai, *em tuas mãos entrego o meu espírito*” (Lc 23, 46, grifo do autor). Mesmo no final de Sua vida, Cristo confiou plenamente no Pai. Assim, é possível perceber a relação da intimidade Dele com o Pai.

O tema central da pregação de Jesus foi o Reino de Deus. Reino de Deus. Alguns autores preferem utilizar o termo Reinado de Deus, pois expressa o exercício do poder, outros autores preferem utilizar o termo Reino de Deus. Nessa compreensão remete a território, a um sentido de local. Em ambas as compreensões do Reino de Deus ou no Reinado de Deus; significa, participar dos bens messiânicos que Deus reservou, ou seja, participar da salvação (RUBIO, 2012, p. 36-37).

Dentre todos os evangelhos que tratam do Reino de Deus, não é possível encontrar uma definição do que é o Reino de Deus. Os evangelhos trazem alguns elementos que Jesus de Nazaré deixou para intuir o que ele queria dizer. Por mais que não possua uma definição exata, ao analisar as narrativas dos evangelhos com a sociedade da época de Jesus, percebe-se que a mensagem do Reino de Deus não é vazia, havia um anúncio e uma denúncia das injustiças e desigualdades. Nas palavras de Theissen “aproximou-se até vós o Reino de Deus” (2002, p. 264); e nas palavras da comunidade de São Marcos, “cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15).

A novidade do anúncio de Jesus de Nazaré é o Reino de Deus aqui e agora, não é no futuro. Um Reino que já começou. Não é um anúncio apocalíptico, mas anúncio para o presente. A novidade consistiu na linguagem adotada por Ele que aproxima Deus da história de cada ser humano na terra, isto é, um Deus próximo e, se é possível dizer, um Deus misericordioso, bondoso. “O Reino de Deus implica um mundo novo em que o mal e o sofrimento são vencidos; um mundo novo onde prevalecem a justiça, a fraternidade e a

paz” (RUBIO, 2012, p. 37).

O reinado de Deus nada mais é que a prática com o outro. Para Alfonso Garcia Rubio “a harmonia com Deus propicia relações dialógicas entre os seres humanos, um relacionamento responsável entre estes e o meio ambiente, bem como uma relação de cada ser humano consigo próprio, vivida na verdade e na sinceridade” (2012, p. 38). Porém, vale ressaltar que é uma prática boa, não uma prática excludente. É uma prática que se preocupa com as necessidades da condição humana do outro, é lutar contra as leis que escravizam e oprimem, pois “quanto mais humano for o homem, tanto mais perto estará da imagem e semelhança de Deus para o qual é chamado e deve sentir-se chamado” (COSTA, 1999, p. 42).

Jesus entra na história humana pelo anúncio do Reino, levando para a humanidade a salvação de Deus, ensina como entrar nesta salvação a partir do que aprendera do Pai; “em verdade, vos digo: o Filho, por si mesmo, nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer; tudo o que este faz o Filho o faz igualmente”. (Jo 5,19). Assim, apresenta o caminho que o ser humano deve seguir para ser salvo por Deus. A história de Jesus parte da sua humanidade, como qualquer outro homem de sua época, porém ele difere dos demais homens pela sua natureza divina.

A intimidade entre Jesus e o Pai só fora possível pelo conhecimento que um tinha do outro, pois como Ele nos disse “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30), assim, esta relação íntima aos poucos foi se manifestando. Tornando assim, a explícita relação entre o Pai e o Filho nas suas ações. Jesus foi crescendo humanamente e na sua autoconsciência de Filho “tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar” (Mt 11,27):

a história de Jesus foi marcada, como toda história humana, por um avanço progressivo em direção à luz de uma autoconsciência mais clara e de um conhecimento mais completo dos outros e de Deus. Esse crescimento interior teria sido alimentado, de um lado, pela intimidade dialogal, única e exclusiva, com o Pai, e de outro, pelo relacionamento diário com os homens a começar por Maria, sua mãe, e pelo conhecimento da Escritura, fundamental na formação dos filhos de Israel. Isto é, o Nazareno teria crescido interiormente, explicitando o que já

estava contido na originária consciência automatizada de si mesmo e adquirindo por experiência novos conhecimentos, apor intermédio de momentos e formas sucessivas de desenvolvimento (FORTE *apud* MACHADO, 2015 p. 137).

Jesus no decorrer da sua vida foi provado em tudo exceto no pecado (cf Hb 4,15), foi extremamente solidário conosco, como por exemplo, o encontro entre Ele e a Samaritana no poço (cf Jo 5,5-43). Demonstrando o significado da encarnação na sua vivência, como a comunidade joanina nos apresenta; “e o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (1,14). Embora fosse rico, pois era Deus, se fez pobre, “conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza” (2Cor 8,9).

Não pode dizer que na encarnação estava presente somente o Filho, nem tão pouco pode-se dizer que no decorrer da vida de Jesus Cristo ele estava só, isto é, o Pai e o Espírito não estavam com Jesus. Na relação trinitária cada uma das Pessoas atuou na história de maneira diferente. A atuação do Pai foi por meio da voz: a criação; do Filho por meio da carne: a encarnação; do Espírito por meio do pombão:

Mas na essência pela qual são o que são, os três são um, Pai, Filho e Espírito Santo, sem movimento temporal acima de toda criatura, assim como, sem intervalos de tempo e de lugar, são ao mesmo tempo um e o mesmo, desde a eternidade até a eternidade, e como a própria eternidade, que não existe sem verdade e sem amor. Entretanto nas minhas palavras estão separados os nomes: Pai, Filho e Espírito, e nem podem ser pronunciados simultaneamente; e na escrita cada um ocupa seu lugar separadamente. O mesmo ocorre quando faço menção da minha memória, de meu entendimento e de minha vontade. Cada nome se refere a uma só das minhas faculdades, mas cada nome é obra de todas as três. Não existe nenhum desses nomes sem que não haja operação conjunta da memória, do entendimento e da vontade. Assim, a Trindade atuou na voz do Pai, na carne do Filho e na pomba do Espírito Santo (Mt 3,16), embora façamos referência da dita ação a cada uma das pessoas. Com a mesma comparação pode-se conhecer de alguma forma que a Trindade, inseparável em si mesma, se manifesta separadamente pela figura de criaturas visíveis, e como a atuação

indivisa da Trindade existe em cada um dos seres que servem para representar ou o Pai, ou o Filho ou o Espírito Santo (AGOSTINHO, 1985, p. 186-187).

Com isso, podemos perceber que na encarnação e na vida pública de Jesus houve a presença da Trindade. Não pode negar que cada uma das Pessoas atua de modo individual, mas o que existe na Trindade é o modo como cada uma Delas se manifestou ao longo de toda a história da salvação da humanidade.

2 Cruz e ressurreição

O segundo momento deste artigo trata do mistério pascal de Cristo. A presença da Trindade da cruz à ressurreição. No primeiro momento, houve a entrega de Jesus no amor à solidariedade humana. Na ressurreição, segundo momento, experiencia-se a vitória da morte sobre o pecado, isto é, Cristo ressurgiu e vivo está.

2.1 Cruz

Na cruz não houve a morte de Deus. Nela, Jesus teve apenas a morte de seu corpo corruptível. Pois, ele não foi pecador para necessitar que o homem interior fosse ressuscitado. Assim, seu corpo foi ressuscitado, não o seu espírito. Na ressurreição, Cristo garantiu que o ser humano fosse ressuscitado em ambas as realidades. Assim, a morte e ressurreição foram apresentadas como remédio para o homem interior e modelo de homem exterior da humanidade. A morte de Jesus

em nada diminuiu ou mudou sua divindade e tantos benefícios foram outorgados aos homens por meio da humilhação recebida! De modo que a morte temporal indevida foi sofrida por aquele que era, ao mesmo tempo, eterno Filho de Deus e filho do homem, para por ela os libertar da morte eterna devida (AGOSTINHO, 1985, p. 425).

A cruz de Cristo não é um sinal de derrota de Deus. Nela, há a manifestação do amor de Deus pelos seres humanos sofredores.

A cruz de Jesus revela o modo como Deus se manifesta junto do sofredor: participando do seu sofrimento, sendo um companheiro na sua dor. No mistério da cruz transparece o quanto Deus nos ama profundamente a ponto de assumir em si o sofrimento e a morte para nos dar a verdadeira felicidade. O mistério da cruz traz em si a paixão de Deus pela humanidade: é a proclamação da “boa notícia da morte em Deus para que o homem viva da vida do Deus imortal, na comunhão trinitária, possibilitada graças àquela morte”.⁵¹ Assumindo a morte humana, Deus nos possibilita participar da sua vida divina: “Agora, em Cristo Jesus, vós, que outrora estáveis longe, fostes trazidos para perto, pelo sangue de Cristo (...), pois, por meio dele, nós, judeus e gentios, num só Espírito temos acesso junto ao Pai” (Ef 2,13-18). A cruz de Jesus não é sinal da derrota de Deus, de um Deus que não consegue tirar o mal do mundo, mas é a revelação do Deus que se faz próximo e solidário do ser humano, assumindo em si o sofrimento e a morte, para fazê-lo participante da comunhão trinitária (MACHADO, 2015, p. 153-154).

Na cruz, o Filho experimenta o abandono pelo Pai, a solidão da ausência de Deus e sofrimento: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonastes?” (Mt 27,46). Mesmo assim, antes do seu último suspiro, ele se entrega ao Pai pela humanidade em sinal de amor:

o Filho se entrega ao seu Deus e Pai por nosso amor: através dessa entrega o Crucificado assume a carga do sofrimento e do pecado passado, presente e futuro do mundo, entra até o fundo no exílio de Deus para assumir o exílio dos pecadores na oblação e reconciliação pascal (FORTE *apud* MACHADO, 2015, p. 155).

Como nos diz Bruno Forte, Cristo é abandonado pelo Pai, a sua dor não era pelos pregos que foram cravados em seu corpo, mas por sido abandonado na cruz pelo Pai. Como fora dito anteriormente, durante toda a vida de Jesus ele teve intimidade com o Pai, (cf Jo 10,30), dependurado no madeiro da cruz esta intimidade fora abalada.

O silêncio do Pai diante do Filho que morre é a 'morte de Deus' sobre a cruz; ou melhor, a revelação da cruz como 'morte em Deus'. O Filho morre, dilacerado no mais profundo de seu coração pelo afastamento do Pai; o Pai 'morre', porque 'entrega' dolorosamente o Filho, como um dia Abraão 'entregou' Isaac; o Espírito está presente no silêncio, 'entregue' pelo Filho ao Pai no instante supremo da cruz (FORTE, 1985, p. 287).

Porém, a unidade que existe entre o Pai e o Filho evidencia-se na cruz por meio da separação entre Eles. Como nos diz Machado, "na cruz há o Filho que abraça a morte por amor ao Pai e o Pai que entrega o Filho à morte, sofrendo com Ele: Mistério do amor de Deus que se mostra totalmente livre e despojado para amar, a ponto de entregar-se a si mesmo por causa deste amor" (2015, p. 157).

São Paulo à comunidade de Corinto aponta-nos a contradição existente na cruz. "Nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus" (1 Cor 1,24). Nela, Cristo assume a humanidade por amor e solidariedade com o sofrimento humano, assim, a sua entrega voluntária tornou-se a causa da salvação da humanidade no mundo.

A morte na cruz não foi uma imposição social para satisfazer as vontades de alguém. À crucificação, Deus se doou livremente e, com isso, pode retornar. Ninguém poderia lhe tirar a vida, ele tem o poder de ir e vir (cf Jo 10, 17-18). Na cruz, não houve apenas a entrega do Filho ao Pai e do Pai ao filho, mas a entrega do Deus uno e trino, isto é do Deus Trindade, para toda a humanidade. Em seu último suspiro Jesus entrega o Espírito ao Pai, demonstrando uma atitude de radical confiança "Jesus deu um forte grito: 'Pai, *em tuas mãos entrego o meu espírito*'. Dizendo isso expirou" (Lc 23, 46). Assim, a cruz é a

história do Filho, do Pai e do Espírito, a cruz é história trinitária de Deus: 'na cruz erguida na Gólgota se manifestou o coração eterno da Trindade'. 'Só no sentido trinitário pode ser compreendida até o fundo a teologia da entrega': 'o que tradicionalmente se chamava 'expição vicária' deve ser compreendido, transformado e exaltado como acontecimentos trinitários'. A figura trinitária se nos

oferece sobre a cruz na unidade do Filho, que entrega, do Pai que o entregam do Espírito, entregue pelo Filho e acolhido pelo Pai (FORTE, 1987, p. 37-38).

A partir do exposto, é possível perceber a relação binária entre o Filho e o Pai, ambos sofrendo pelo abandono do Filho na Cruz, mas o amor pela humanidade foi tão grande que, antes do último suspiro, o Filho entregou o seu Espírito ao Pai, demonstrando aí a relação trinitária.

2.2 Ressurreição

Quando Cristo foi morto, o demônio parecia ter vencido novamente, igual sua primeira vitória, com a expulsão de Adão e Eva do paraíso. Cristo derramou o seu sangue sem pecado para redimir os pecados dos seres humanos. Foi o preço que Ele pagou pela redenção dos pecados da humanidade, para que fossem libertados dos laços que os prendiam resgatando toda a culpa, libertando da ira de Deus pelo fato dos pecados serem inimigos de Deus.

Tornando-se, assim, o início da fé em Deus e para a reflexão cristã. A ressurreição se tornou o pilar da pregação e da fé da Igreja, não se resumiu apenas à morte de Deus, é a oportunidade da verdadeira revelação de Deus.

Com a ressurreição fica evidente a ação da Trindade pela ação vivificante do Pai no Espírito que ressuscita o Filho. Nela, abriu-se a ressurreição para a humanidade que, em Cristo, pode ressuscitar e ter a vida nova na eternidade. Conforme a primeira carta de Pedro (3,18), foi por meio do Espírito que Cristo foi ressuscitado; segundo o mesmo Espírito que Jesus foi estabelecido como Filho de Deus na sua ressurreição dos mortos (cf Rm 1,4). Assim,

a unidade do Pai e do Filho manifesta-se na ressurreição e exaltação de Jesus. Não se pode separar delas a efusão do Espírito dom do Pai e do Filho, que, ao mesmo tempo que exprime a união dos dois, mostra a pertença do Pneuma no âmbito divino, juntamente com as duas primeiras pessoas. [...] devemos notar que o Espírito Santo intervém na ressurreição de Jesus que tem no Pai a iniciativa. [...] A filiação divina de Jesus (que é a todo momento o Filho, Rm 1,3) em poder atua-se em virtude do Espírito. O Pai ressuscita Jesus no Espírito (LADARIA, 2015, p. 101).

Na ressurreição, Jesus é constituído Senhor e Cristo: “o homem de Nazaré, que falou com autoridade e fez prodígios e sinais, foi entregue nas mãos dos poderosos de Israel e condenado à morte na cruz. Mas Deus o ressuscitou e constituiu Senhor e Cristo” (FORTE, p. 91, 1985). Para uma maior compreensão, Forte apresenta o significado de Senhor e Cristo:

O termo Senhor (Kyrios), em ambiente aramaico, evoca a entronização do Filho do Homem e a sua majestade régia no fim dos tempos [...] é usado com referência ao rei messiânico [...]. Portanto, o título tem um significado escatológico-soteriológico: isto é, refere-se àquele que há de vir na plenitude dos tempos para trazer o julgamento e salvação. Mas no título “Senhor” há também um valor teológico; ou seja, é um nome divino que mostra a condição divina daquele ao qual é atribuído. [...] o título ‘Cristo’ (= Messias, Ungido), que evoca a espera messiânica de Israel, [...] Proclamar então que Jesus é o Senhor e o Cristo é o mesmo que afirmar que ele é o Vivente, no qual: a) chegou à plenitude dos tempos e está aberto para o homem o futuro de Deus; b) é dada aos homens a salvação, com a realização das promessas e c) Deus está presente de maneira única e definitiva (1985, p. 92-93).

A iniciativa de aparecer aos discípulos foi de Jesus, com isso, seus olhos se abriram e puderam dar o testemunho do ressuscitado, Jesus de Nazaré, até então abandonado e, agora, exaltado como o Cristo e Senhor. Os discípulos pensavam que estavam vendo um espírito, porém Ele diz: “Por que estais perturbados e por que surgem tais dúvidas em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés: sou eu! Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho” (Lc 24,38-40).

Quando Jesus Cristo ressuscitado apareceu para os onze apóstolos na Galileia (cf Mt 28, 16-20), o Senhor lhes envia em missão, “ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. O envio d’Ele não foi para exercer a missão apenas em seu nome, mas no nome da Trindade. Não encerrando a presença da Trindade na vida das pessoas por ter ressuscitado, mas reforçou que quem atua na história da salvação é a Trindade toda.

Para que os apóstolos não ficassem desamparados, o Espírito Santo veio do céu em formas de línguas como fogo e pousou sobre eles e eles ficaram cheios do Espírito Santo, (cf At 2,1-4).

O Espírito nos é dado como o Espírito de Cristo, e de Deus. Sua ação não pode ser interpretada no sentido de subordinação do Espírito de Cristo [...] o fato de que o Espírito desceu sobre Jesus antes de que ele o desse aos homens. Nas duas missões do Filho e do Espírito, em sua mútua implicação, realiza-se a obra de salvação que tem no Pai o único iniciador e a única fonte (LADARIA, 2015, p. 113).

Com a ressurreição do Filho pelo Espírito, os apóstolos e toda a humanidade podem ser salvos mediante a graça Deles. A presença da Trindade não cessou na ressurreição, ela pode ser transmitida a todos que querem seguir os passos do Verbo feito carne com a unção do Espírito.

Considerações finais

No presente artigo pode ser observado que em toda a história de Jesus Cristo a Trindade esteve presente, isto é, o Pai e o Espírito estavam em Jesus. Porém, a missão de se encarnar foi do Filho, não quer dizer que o Filho não existia antes de se encarnar, a Trindade existe fora do tempo, ela é a eternidade.

O Filho tornou-se filho do homem e Filho de Deus. Viveu a vida humana, exceto o pecado. Sendo o pecado autor da morte. Mas Cristo como autor e princípio da vida escolheu dar a sua vida e experimentar a dor da solidão e o abandono do Pai, e o Pai experimentou a dor de ser abandonado.

O Espírito que estava junto Deles desde toda a eternidade ressuscitou o corpo do Filho, pois como não cometeu pecado sua alma não morreu, apenas o seu corpo. Na ressurreição, a vida venceu a morte pelo pecado. Todos que escolherem viver segundo o Espírito terão a vida Eterna. Porém, o Filho enviou o Espírito que procede do Pai e do Filho para que os seres humanos continuem com a presença da Trindade redentora.

Referências

AGOSTINHO, Santo Bispo de Hipona. *A Trindade*. Trad. Agostinho Belmonte; revisão e notas complementares Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1994.

BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2011.

COSTA, João Rezende. *Abbá! Pai! O Deus de Jesus é diferente*. São Paulo: Loyola, 1999.

FORTE, Bruno. *A Trindade como história*. Trad. Alexandre Macintyre; revisão José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulinas, 1987.

FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história: ensaio de uma cristologia como história*. Trad. Luiz João Gaio; revisão João Anibal Garcia Soares Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1985.

LADARIA, Luiz F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. Trad. Paulo Gaspar de Meneses. 4. ed. São Paulo: Edições Vozes, 2015.

MACHADO, Renato da Silva. *O Evangelho Trinitário para o ser humano hoje: Cristologia e Trindade em Bruno Forte*. 2015. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

RUBIO, Alfonso Garcia. *O encontro com Jesus Cristo Vivo: um ensaio de cristologia para nossos dias*. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annete. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo, Loyola, 2002.

Recebido em: 03/05/2020

Aprovado em: 07/10/2022